

# IMIGRAÇÃO HAITIANA E A MOBILIDADE DO TRABALHO: MANDAGUARI-PR, UM DOS DESTINOS.

DOI 10.4025/revpercurso.v9i1.34637

*Daniele Rosseto*

Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: danirosseto.geo@gmail.com

*Sueli Castro Gomes*

Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo- USP, e Docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá.

**RESUMO:** O processo de mobilidade do trabalho verificado por meio da imigração haitiana no Brasil, especificamente para o município de Mandaguari (PR) possibilitou a análise dos fatores de atração ocorrido em detrimento da economia do local de estudo. O município que está localizado no Noroeste do Estado do Paraná vem sendo um pólo de atração para esses migrantes devido ao seu crescente desenvolvimento no setor industrial, no qual oferta um número maior de empregos. Instalaram-se empresas de grande porte, quando comparadas às dimensões da cidade e essas promovem uma nova dinâmica, tanto no campo social, quanto na área econômica. Os haitianos são mobilizados pelas dificuldades que seu país de origem possui e buscam um espaço de acolhida e trabalho. Compreender as alterações que esse fenômeno trouxe, não apenas para o espaço urbano em estudo, mas também para as condições que o sistema capitalista vem impondo a esses migrantes é relevante, visando que o Haiti é um campo de mão-de-obra assim como outros países do mundo, contextualizando assim o cenário atual.

**Palavras-chave:** Haitianos; Mobilidade do Trabalho; Mandaguari/PR.

## HAITIAN IMMIGRATION AND MOBILITY OF WORK: MANDAGUARI-PR, ONE OF THE DESTINATIONS.

**ABSTRACT:** The process of labor mobility verified by means of Haitian immigration in Brazil, specifically for the municipality of Mandaguari (PR) allowed the analysis of the factors of attraction that occurred to the detriment of the economy of the place of study. The municipality that is located in the Northwest of the State of Paraná has been a pole of attraction for these migrants due to its increasing development in the industrial sector, in which it offers a greater number of jobs. Large companies were installed, when compared to the dimensions of the city and these promote a new dynamic, both in the social field and in the economic area. Haitians are mobilized by the difficulties that their country of origin has and seek a place of welcome and work. Understanding the changes that this phenomenon has

brought, not only to the urban space under study, but also to the conditions that the capitalist system imposes on these migrants is relevant, aiming that Haiti is a labor force as well as other Countries, contextualizing the current scenario.

**Key-words:** Haitians; Mobility of Work; Mandaguari/PR.

## 1 INTRODUÇÃO

A migração haitiana para o Brasil começou em 2010 e vem crescendo significativamente e espalhando-se por todo o país. Em Mandaguari, município da região metropolitana de Maringá, o fluxo não é diferente, a cidade tem sido receptora desde a chegada deles ao país, sendo influenciados pela oferta de emprego. Em sua teoria, Gaudemar (1967) define essa mobilidade do trabalho como uma transferência de mão-de-obra e à medida que a economia cresce que é o que acontece com a migração estrangeira, eles se beneficiam dessa atividade para crescerem socialmente e a indústria para evoluir em produtividade e lucro. Segundo PÓVOA- NETO (1997), o conceito de Mobilidade do Trabalho designa-se (...) um processo abrangente, no qual os homens tornam-se crescentemente disponíveis para a utilização compulsória de sua força de trabalho nos moldes capitalistas (p.19).

O município em questão abrange empresas com alta produtividade e com necessidade de mão-de-obra, como por exemplo o frigorífico recentemente inaugurado, empregando cada vez mais, sem contar com outras empresas prestadoras de serviços, um dos responsáveis fatores para o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) de Mandaguari. Aliados as necessidades, os imigrantes almejam oportunidades nesse espaço de (re)produção material, sendo um atrativo para essas empresas, o que muitas vezes esquecem todas as dificuldades que serão necessárias enfrentar para que de fato essas oportunidades se efetivem como trabalho.

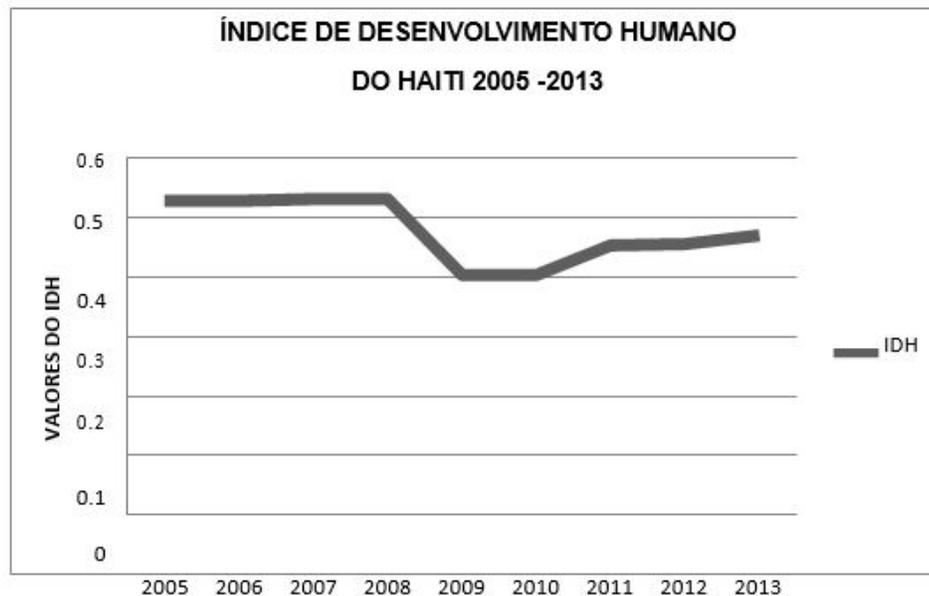
Ressaltamos que conhecer a dimensão desse fluxo de haitianos no município é de extrema importância, sendo possível caracterizar os motivos da escolha do destino, suas condições de trabalho no local e reconhecendo as barreiras encontradas até o momento. Portanto o estudo desta mobilidade em questão ocorre através da corrente migratória de haitianos em Mandaguari, fator novo e questionador frente as pesquisas do município.

## 2 DA ORIGEM AO DESTINO: A MIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL.

Em entrevista com o haitiano Wilner Batisti (2014), conhecemos algumas características do país de origem apontadas por ele, apresentando o Haiti como uma ilha do Caribe, situada na América Central, no mesmo canal que o México, no qual mais a frente está localizada Cuba, Porto Rico, Jamaica e a República Dominicana. A ilha foi dividida em dois países, o Haiti e a República Dominicana. Ela foi colonizada de um lado pelos Franceses e do outro pelos espanhóis. O lado que atualmente é o Haiti, foi colonizado pelos franceses e o lado que se encontra a República Dominicana, foram os espanhóis.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país apresenta-se na categoria de baixo desenvolvimento segundo o relatório do desenvolvimento humano da PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), com a 168ª posição no valor de 0,471 estando a frente apenas de países como o Afeganistão, Gambia, Etiópia entre outros, mas, como podemos observar no gráfico nº1, no período de 2005 a 2006/2007, o país estava em um índice médio, começando a decair nos anos de 2008 a 2010, passando para o nível de baixo desenvolvimento. O coeficiente de desigualdade de rendas é de 38,9, um dos maiores do mundo, levando em consideração que essa desigualdade está presente principalmente na América Latina e no Caribe.

**Gráfico 01: IDH do Haiti no período de 2005 a 2013.**



Fonte: Dados do PNUD.  
Organização: Daniele Rosseto.

A história do Haiti nos remonta uma das atrocidades cometidas pelos americanos, precisamente o EUA, que dominou o país por 19 anos, desapropriando muitas terras dos camponeses, implantando indústrias açucareiras e bananeiras, espalhando por aquele país que tentava se construir de maneira sólida, seu capitalismo e imperialismo, que deixou muitas marcas no território haitiano, e uma das principais marcas que esse povo enfrenta até hoje é a ideologia de que era um povo “bárbaro” devido aos seus costumes, modos de vida e crenças, ideologia essa que carregam até hoje, enfrentando também preconceitos (COTINGUIBA, 2014).

Segundo Wilner Batisti (2014), o Haiti é um país litorâneo, montanhoso, muito parecido com a Venezuela, possuindo uma população de mais ou menos 11 milhões de habitantes. Apenas o fato do Haiti ser uma ilha, já nos traz referências dos motivos de sua atual situação. Ele aponta também o fato de que o Haiti é um país onde o campesinato se faz presente, ou seja, a agricultura também é uma grande atividade econômica que move o país, com todos os fenômenos naturais que a ilha está sujeita, essa atividade acaba sendo comprometida por eles, enfraquecendo cada vez mais a economia do país sempre que é atingido.

Segundo Cotinguiba (2014) a decisão de migrar parte muitas vezes de motivos que nem mesmo os atuantes sabem, podem ser movidos por inúmeros fatores como: econômicos, políticos, sociais ou todos eles em um único fenômeno, como é o caso dos haitianos. O Haiti carrega em sua bagagem histórica características migratórias desde que declarou sua independência, antes desse fato, era apenas um receptor de “exploradores” como os franceses e os americanos, tendo rotas de migrações para o Canadá, França, Ilhas do Caribe e suas principais que são a República Dominicana e o Estados Unidos. Desde o século XX até os dias atuais, os processos de mobilidade haitiana possuem quatro grandes fluxos em períodos diferentes, como a República Dominicana, Estados Unidos, França e algumas ilhas caribenhas (Bahamas, Martinica Guadalupe e Guiana Francesa), tendo como principal foco, o Estados Unidos, chegando a ter 500 mil haitianos migrando para o país na década de 50 (HANDERSON, 2015). Jean- Paul Gaudemar em sua obra “A mobilidade do trabalho e Acumulação do Capital”, aborda uma visão crítica sobre essa migração estrangeira (1967), nos mostrando a teoria da Mobilidade do Trabalho.

A migração é um fenômeno que permite á sociedade atingir o melhor equilíbrio de conjunto possível [...] apenas os fluxos migratórios dos sectores ou regiões subdesenvolvidas para sectores e regiões desenvolvidos constituem processos de ajustamento ao equilíbrio óptimo. De modo mais geral, demonstrar-se-á que os fluxos de mobilidade que operam transferências de mão-de-obra sectores no sentido da produtividade crescente, permitem ganhos sociais de produtividade. É o caso da migração estrangeira (GAUDEMAR, 1967 p.18).

Considerando a citação e o contexto histórico das migrações, vale ressaltar que muitas vezes o tipo de deslocamento de determinado fluxo, contribui para a ascensão econômica da área de seu destino, pois segundo Gaudemar (1967) a imigração estrangeira muitas vezes é lucrativa para as economias metropolitanas, visando uma mão-de-obra barata e conseqüentemente um maior lucro.

Segundo Handerson (2015), o Brasil integrou-se na rota dos haitianos recentemente, quebrando as configurações dessa mobilidade que era vista unilateralmente como uma mobilidade do “pólo sul” (países pobres) para o “pólo norte” (países ricos, desenvolvidos), colocando abaixo a teoria de que esse clássico da migração só ocorre quando existem laços históricos entre colonizados e seus colonizadores. Em sua tese, Handerson (2015) realiza diversas entrevistas com haitianos, no qual declaram um dos motivos do Brasil ser seu destino.

[...] Alexi tinha dois planos: ir a França ou vir para o Brasil. Mesmo sendo falante do francês e não do português, decidiu vir para o país brasileiro considerando estar ele “aberto”. Essa expressão utilizada por ele e outros interlocutores: “Brasil está aberto” relaciona-se à facilidade de chegar e ingressar no país na época, além das novas oportunidades de trabalho, como mostrado na introdução: o fato, na época, de o país representar a sexta economia mundial (HANDERSON, 2015, p.89).

O Haiti já havia enfrentado quatro ciclones em 2008 e o terremoto de 2010, o que enfraqueceu sua economia, como Handerson (2015) cita, o Brasil na época representava a sexta economia mundial, fato esse que faz com que o país se torne um atrativo, considerando que através da influência da mídia, seja um dos auges de sua economia, “(...) o sexto maior produto interno bruto medido em dólares à taxa de câmbio corrente (...) (Carta Capital, 09/11/11) ”.

Para compreendermos o contexto da migração haitiana para o Brasil, faz-se necessário o conhecimento do impulsor dessa corrente migratória, levando em consideração que não

obrigatoriamente seja um único impulsor. Em janeiro de 2010, o cenário foi devastador e de muita tristeza, um terremoto com magnitude 7.0 na escala Richter, atingiu o país, a consequência foi quase um milhão de pessoas desabrigadas e mais de 200 mil pessoas mortas, sem contar que tudo foi destruído, casas, escolas, supermercados, hospitais, tudo o que é de necessidade básica do ser humano (IMDH, 2012). A partir desse momento os sobreviventes precisavam encontrar forças para se recompor e muitos deles não tinham esperanças de encontrá-las em meio aquele cenário, buscando assim outros países que lhes proporcionassem melhores condições de vida. É preciso considerar que o terremoto não é o único motivo pelo qual os haitianos migraram e sim apenas um agravante de toda essa situação.

A desigualdade social existente no Haiti é uma das principais causas da emigração dos haitianos, como citamos a cima, o coeficiente de desigualdade do país é um dos maiores da América latina. Segundo Rosa (2006), apesar do Haiti ser a primeira colônia a declarar independência, o povo haitiano não conseguiu implantar a igualdade política, social e econômica devido a seus fatores históricos do processo de formação das elites haitianas e o colonialismo imposto presente na composição das mesmas, baseado em uma potência, “O colonialismo haitiano vivido contemporaneamente tem como seus principais guardiões os executivos de bancos e organismos internacionais que reproduzem as relações de poder, sob os auspícios de outra potência colonizadora: os Estados Unidos (p.6).”

Economicamente, o Haiti possui certa dependência estrangeira pela dificuldade de implantar um mercado auto-sustentável, principalmente a Flórida, por estar localizada próxima ao país. Outro fator de desigualdade apontado é o racismo e o alto índice de analfabetismo que despreza a possibilidade dos haitianos serem de fato donos do seu próprio dever político, econômico e social (Rosa 2006). De acordo com Fernandes, Milesi e Farias (2014) o PIB do Haiti em 2007 apresentou um pequeno aumento de 3,4 % da população que vive em situação de pobreza extrema, estimando que 56% da população possuíam renda inferior a USD 1,00 por dia e que 76% tinham renda inferior a USD 2,00 por dia, levando assim a busca por melhores condições de vida fora de seu país de origem.

O conjunto de situações adversas tem estimulado, quando não forçado, expressiva parcela da população a deixar o país em busca de melhores condições de vida. O Banco Mundial (2011) estima que aproximadamente 10% da população do país tenha emigrado (1.009.400 pessoas), mas outras fontes indicam que a diáspora haitiana já tenha ultrapassado a casa de 3.0 milhões de pessoas (Hatian Diáspora-2011). Vários são os destinos escolhidos. A mais numerosa comunidade está nos Estados

Unidos, seguida pela República Dominicana. Outros países da América e Caribe também recebem um grande contingente de haitianos com destaque para o Canadá, Cuba e Venezuela. Na Europa, o país de maior afluência é a França. (Hatian Diáspora, 2011 apud FERNANDES, MILESI E FARIAS, 2014).

Segundo os próprios haitianos, o ex-presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva teria feito uma visita ao Haiti, no qual se mostrou solidário a situação realizando assim um “convite” para que eles migrassem para o país, no qual nesse mesmo ano foram identificados os primeiros fluxos de haitianos adentrando ao Brasil e segundo informações do CNIg (2014) cerca de 30 mil haitianos vivem hoje no Brasil. Os primeiros imigrantes haitianos no Brasil inicialmente foram registrados, no estado de Mato Grosso do Sul, na divisa com a Bolívia. A partir desse momento o fluxo migratório se intensificou em 2011, possuindo outros locais de entrada, nas fronteiras do Brasil com a Bolívia e o Peru, pelas cidades de Brasília e Assis, no estado do Acre e no Amazonas, pela cidade de Tabatinga (CONTINGUABA 2014). Alguns haitianos relatam que já tinham uma relação boa com brasileiros que viviam no Haiti e isso os fez crer que o Brasil seria uma boa opção, com oportunidades de emprego e melhores condições de vida.

Os autores Fernandes (2010) e Silva (2013) (2014 apud FERNANDES e CASTRO et al. p. 12) indicam que a presença das tropas brasileiras no Haiti poderia ter contribuído para disseminar a ideia do Brasil como país de oportunidades, principalmente no momento em que grandes obras estavam em execução e a taxa de desemprego em descenso.

## 2.1 OS HAITIANOS E A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA PARA ESTRANGEIROS.

O que não pode ser ignorado de fato, é que geralmente os países desenvolvidos possuem uma severa legislação quanto às correntes migratórias, coisa que não se faz presente atualmente no Brasil e que segundo informações do Instituto Humanistas Usinos (IHU) vem sendo requisitada urgentemente pelos especialistas, pelo motivo dessa faixa social no país estar cada vez mais crescente, segundo o Ministério da Justiça, estimam que haja 1.5 milhões de imigrantes documentados no Brasil. De acordo com CNIg, a legislação brasileira com relação ao estrangeiro foi criada ainda no período pós o regime militar na década de 80, através da Lei nº 6.815 de 19 de agosto de 1980.

Art. 1º Em tempo de paz, qualquer estrangeiro poderá, satisfeitas as condições desta Lei, entrar e permanecer no Brasil e dele sair, resguardados os interesses nacionais.

Art. 2º Na aplicação desta Lei atender-se-á precipuamente à segurança nacional, à organização institucional, aos interesses políticos, sócio- econômicos e culturais do Brasil, bem assim à defesa do trabalhador nacional.

Art. 3º A concessão do visto, a sua prorrogação ou transformação ficarão sempre condicionadas aos interesses nacionais. (Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980.)

A Lei também apresenta total reprovação para aqueles que entram no país ilegalmente sendo sujeitos a deportação e não podem mais obter a documentação que precisariam para conseguirem um emprego formal no país. A busca pela atualização da Lei se dá por motivos de garantias e direitos dos imigrantes tanto como trabalhadores, como novos cidadãos da nação, criando certa facilidade na questão da regularização dos imigrantes, porque muitos vêm para trabalhar no Brasil e acabam utilizando a solicitação do refúgio como uma porta de maior facilidade no país (MILESI 2012). O verdadeiro fato é que o país faz o “convite”, mas, realmente não está preparado para receber esses migrantes, sofrendo assim as consequências.

No primeiro momento da legislação houve a concessão de 1,2 mil vistos que o país forneceu para esses migrantes, com validade de cinco anos, sendo considerados vistos por razões humanitárias, que foram concedidos através da solicitação de refúgio do CONARE (Comitê Nacional Para Refugiados) ao CNig (Conselho Nacional de Imigração). Segundo Milesi (2012) em entrevista com o Instituto Humanistas Unisinos, o refúgio foi criado para amparar as pessoas que estejam sofrendo algum tipo de ameaça e perseguição e os haitianos estão sofrendo através de uma catástrofe natural, o que não prevê a Convenção de 1951 e na legislação nacional (Lei 9474/97), não permitindo que o CONARE encontre total amparo necessitando recorrer para outros meios, sendo que a solicitação de refúgio foi negada várias vezes pelo governo, por motivos internacionais e nacionais, quando um país aceita essa condição de refúgio, ele precisa assegurar condições de abrigo, alimentação ou seja condições de vida para essas pessoas.

Vale-se, então, da Resolução Recomendada nº 08/06, do **Conselho Nacional de Imigração**, que no Art. 1º “Recomenda ao Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE (...), o encaminhamento ao

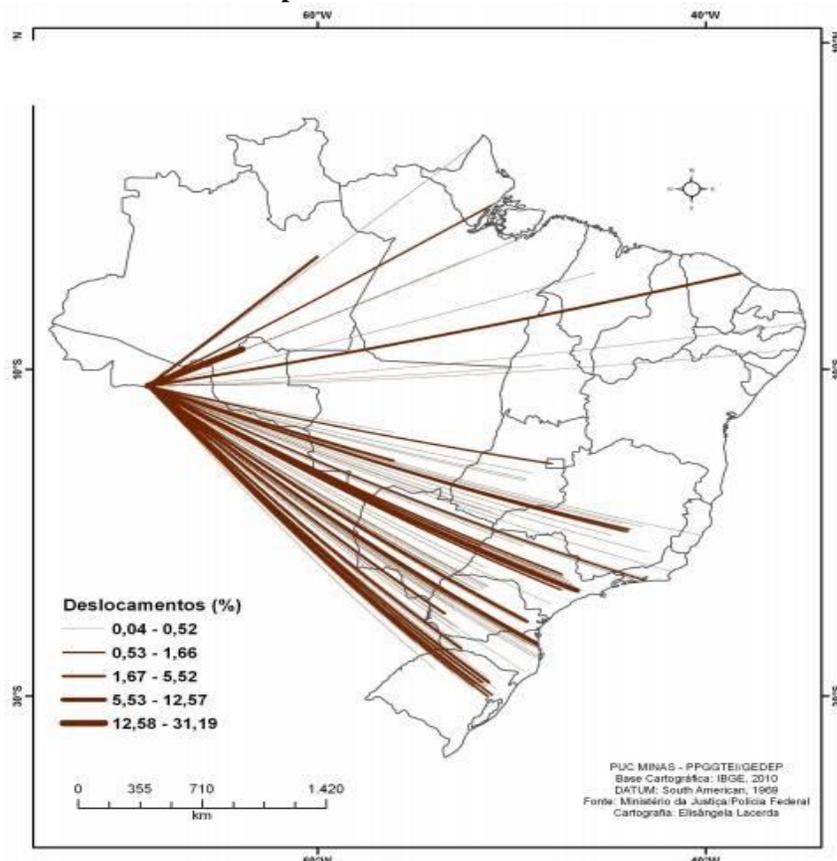
Conselho Nacional de Imigração – CNIg, dos pedidos de refúgio que não sejam passíveis de concessão, mas que, a critério do CONARE, possam os estrangeiros permanecer no país por razões humanitárias. (MILESI, 2012).

Segundo Milesi (2012) a solução então encontrada, através do CNIg, foi conceder o Visto por razões Humanitárias, deixando de responsabilizar o país por esses migrantes, ou seja, seu destino aqui no Brasil seriam eles mesmos quem o faria, sem culpar o país por falta de emprego, moradia e também por razões políticas.

## 2.2 O PERCURSO E SEUS DESAFIOS

A situação atual desse fluxo para o Brasil foi intensificado a partir de 2011, tendo várias portas de entradas como as fronteiras do Brasil com a Bolívia e o Peru, e pelo Amazonas e Acre que acabou tornando-se a porta principal desses migrantes, através das cidades de Assis Brasil, Epitaciolândia e Brasiléia, como ilustra o mapa da figura 1. Rota essa que muitas vezes não é fácil, além daqueles que conseguiram o visto no Haiti, tem aqueles comandados por coiotes, que pagam para serem guiados pelas fronteiras e chegarem até seu local de origem, sofrendo muitas vezes roubos e passando fome (FERNANDES, CASTRO et al., 2014).

**Figura 01: Representação do fluxo migratório como porta de entrada, Brasileira e Eptaciolândia 2010- 2014.**



**Fonte: Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral” (PUC/MINAS, 2014).**

Em entrevistas realizadas com os haitianos em um colégio estadual de Mandaguari, percebemos que até certo ponto as rotas são parecidas, a maioria relata que a saída de sua cidade em direção ao Panamá, como mostra o mapa da figura 2, alguns pegam voo direto para São Paulo, mas a maioria deles passam primeiro pelo Equador em seguida pelo Peru, Acre e seguem em direção a São Paulo. De acordo com o relato de Milesi (2012) em entrevista ao IHU, a chegada ao Brasil, depois desse trajeto, não é muito fácil. Toda sua economia já ficou pelo caminho com passagens e pagamentos dos coitotes sem contar nos roubos que sofrem, a necessidade básica no momento é um abrigo onde passam se alimentar, dormir, conseguirem os documentos para assim se deslocarem em busca de um emprego, o que nem sempre acontece. Muitos acabam passando fome, naqueles locais procurando emprego e enfrentando muitas dificuldades, inclusive a língua.

No Brasil falamos português, no Haiti sua língua nativa é o *creolle*, umas das barreiras que ao longo do tempo vem sendo superada por muitos, sem contar também com o choque

cultural, chegam ao local onde os costumes são diferentes, onde eles precisam ter conhecimento e se adaptar, inclusive com relação às leis do Brasil, seja elas trabalhistas que é o principal foco, seja elas de sobrevivência enquanto cidadãos.

O Conselho Nacional de Imigração (CNIg), realizou estudos com parceria da OIM, Organização Internacional para as Migrações, contabilizando o número de haitianos no Brasil até 2014, revelando por volta de 30 mil haitianos no país, como relata em sua divulgação, “[...] cerca de 30 mil haitianos vivem hoje no Brasil. Destes, 19 mil entraram via cidade de Brasília, no Acre. Os demais entraram regularmente, com visto humanitário, pelos aeroportos brasileiros, com base na Resolução 97/12 do Conselho Nacional de Imigração (08/04/2014)”. O Departamento de direitos humanos e cidadania do Paraná (DEDIHC) relata em seu Plano Estadual de Políticas públicas para refugiados e migrantes que somente no ano de 2014, chegaram 14,5 mil haitianos no país, 5 mil deles vieram para o estado.

No Brasil um número cada vez maior adentra ao país, tornando-se notícias diárias, fazendo como referência a porta de entrada principal, o Acre que começou fornecendo abrigos, mas atualmente, a cidade de Brasília não está conseguindo abrigar a todos, suas condições de infraestrutura não suportam mais, ao ponto de baixarem os preços da passagem de ônibus para que eles possam deslocar-se para outros estados, declarando assim fechados para receber migrantes. Como consequência desse fato, São Paulo está recebendo um fluxo de haitianos cada vez maior, deixando a metrópole sem muitas soluções e a falta de abrigo começa a surgir, sem contar com a falta de emprego para esses recém-chegados (O Globo, 03/04/2015).

Em meio à falta de preparo do Brasil com relação à chegada dos migrantes, não está apenas o atraso político com relação às leis para estrangeiros, problemas sociais como preconceitos e muitos outros, se fazem notório. Na grande metrópole São Paulo, já há relatos em noticiários de que os haitianos vêm enfrentando certo “olhar desconfiado” por parte dos brasileiros, talvez preconceito não fosse a palavra totalmente correta para definir esse olhar, mas sim medo daquilo que é novo. Não só na grande metrópole, mas em todo o Brasil isso acontece, o medo dos haitianos serem mais produtivos que os brasileiros, o medo da busca por um emprego e precisar competir com eles, os haitianos hoje, acabam ocupando cargos que os brasileiros por acharem que aquela função não é boa o suficiente para eles deixando de lado.

Os haitianos enquanto trabalhadores no Brasil levantam muitas questões críticas com relação a sua atividade, muitos não estão totalmente documentados, mas pagam impostos como os brasileiros, inclusive de vários serviços que não utilizam, pelo menos até estarem legalizados. Outro fato se dá com os direitos trabalhistas, a falta de conhecimento da legislação brasileira, não garante a eles que estejam recebendo todos os seus direitos pelo trabalho exercido, muitas vezes trabalhando em condições precárias, dentro de frigoríficos, balcões de costuras, carvoarias e outras atividades que eles estão exercendo no país, não sendo recorrente apenas às cidades grandes, mas sim, cidades de pequenos a médio porte, como é o caso da cidade analisada no presente trabalho (O Globo, 30/08/14).

É preciso levar em consideração, as condições de vida desses haitianos em seu país de origem e os fatores que os levaram a migrar, não sendo apenas uma necessidade imposta por uma catástrofe natural, mas sim, uma necessidade econômica e social de um povo que vive em uma situação plena de pobreza e desigualdades sociais, buscando encontrar no Brasil a oportunidade que sonham.

### **3 MANDAGUARI, REGIÃO METROPOLITANA DE MARINGÁ, UM DOS DESTINOS NO PARANÁ.**

A decisão em migrar para o Brasil nos leva a pensar em uma escala mais local, afinal o nosso país é o quinto maior do mundo possuindo uma grande diversidade em toda sua extensão. Buscando compreender a mobilidade do trabalho, a pesquisa desenvolveu-se com os moradores haitianos de Mandaguari (PR), analisando suas condições de trabalho e analisando o que os levaram escolher o município.

A cidade de Mandaguari que fica localizada na região noroeste do Paraná era considerada apenas uma vila, em 1937, chamada primeiramente de Vitória e em seguida de Lovat, nome dado devido a um dos diretores da CIA, o inglês Lord Lovat, que se maravilhou com a imensa floresta que havia na região. Essa Vila era dependente do Município de Londrina. Apenas em outubro de 1947, a Vila Lovat é elevada à categoria de Município, com o atual nome de origem indígena, Mandaguari, pelo decreto de lei Estadual nº2, de 10-10-1947. Sua fundação se deu pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, através de loteamentos, no qual buscavam a famosa terra roxa, considerada muito fértil e propícia para o cultivo de café, algodão, soja e outros cultivos, fatores econômicos presentes até hoje no município e região. Como a sede era Londrina, foi a partir dela que se iniciaram as vendas de lotes, ocorrendo assim à formação de povoados até chegar à região onde hoje se situa o

município de Mandaguari. Esses colonizadores ingleses da Companhia de Terras tinham apoio de brasileiros dos estados de São Paulo e Minas Gerais, abrindo caminhos junto com suas respectivas famílias, contribuindo na formação desses povoados (FONTES e BIANCHINI, 1987).

Segundo Fontes e Bianchini (1987) sua população é oriunda de correntes migratórias que eram atraídos pela fertilidade da Terra Roxa, como já citamos, os primeiros migrantes foram os paulistas e os mineiros que formaram grandes colônias, mas, a migração estrangeira também se faz presente, principalmente a europeia e uma porção de asiáticos. A tabela nº 1 apresenta em porcentagem a população de Mandaguari, antes mesmo que ela perdesse parte de seu território para a formação de novos municípios. Na População rural predominavam os espanhóis e italianos, sem contar com os brasileiros, devido a imensas lavouras de café que a região abrigava e também outras formas de cultivos. Podemos analisar também que a população rural era maior que a urbana quando se tratava de imigrantes, justamente pelo município abrigar um forte fator econômico da época que era a agricultura.

**TABELA 1 - NACIONALIDADE DOS MANDAGUARIENSES NO ANO DE 1987.**

ORIGEM	ZONA URBANA	ZONA RURAL
Brasileiros	86,6%	79%
Espanhóis	6,2%	6,2%
Japoneses	1,8%	1,4%
Italianos	1,7%	4,7%
Portugueses	1,3%	2,3%
Alemães	0,8%	2,8%
Russos	0,5%	0,7%
Poloneses	0,4%	1,0%

Elaboração: Daniele Rosseto. Fonte: Cinquentenário de Mandaguari 1937 -1987.

Em um breve histórico sobre a economia de Mandaguari, é preciso considerar o fato de que a região era riquíssima tanto na qualidade das terras, quanto na vegetação e até mesmo nas boas condições climáticas. Com a grande mata fechada, o povoado que começou a fixar-se na região passou a desbravar a mata para a retirada de madeira, que era abundante, conseguindo assim realizar as construções de suas casas e limpar também o terreno a ser

cultivado. Como consequências desses fatos surgem às serrarias, afinal a matéria-prima era abundante, atividade essa que não nasceu apenas em Mandaguari, mas, em toda a região, sendo implantada até próximo ao rio Paraná, no qual, nascia ali também a cultura do café, que foi o auge da economia na época, sendo chamado até mesmo de “ouro verde”, atraindo os imigrantes principalmente italianos e espanhóis que trabalhavam no cultivo dessas lavouras (FONTES e BIANCHINI, 1987).

Analisando a história do Brasil segundo Freitas (2003), os haitianos não foram os únicos que buscaram o Brasil e especificamente Mandaguari, uma oportunidade de melhores condições de vida, ou até mesmo, no caso dos italianos e outros imigrantes, a construção de uma nova vida em nosso país. É necessário considerarmos que as causas foram bem diferentes, mas ambos com o mesmo objetivo. No caso dos haitianos as condições econômicas do país de origem também foram fatores decisivos, mas diferentemente das correntes migratórias europeias e asiáticas, esses imigrantes viveram um cenário de devastação do país através de um fenômeno natural, assim a reconstrução se fazia necessária de algum modo, a saída do país para muitos foi à solução, considerando que a pobreza e as desigualdades sociais são fatores muito marcantes naquele território.

A imigração, principalmente a estrangeira está fortemente ligada a acumulação capitalista do qual Gaudemar (1967) aponta, pois de qualquer forma, esses migrantes buscam a acumulação individual, para um certo progresso em questão de qualidade de vida e até mesmo a volta ao país de origem, assegurando uma vida economicamente estável “(...) a imigração é também muito largamente interiorizada pelos imigrantes como meio de acumulação individual destinada a assegurar o regresso ao país, quer como pequeno investidor, pequeno comerciante, quer como artesão.” (p.40).

A economia de Mandaguari está concentrada nos serviços e na indústria, embora a agricultura ainda seja uma atividade presente, as indústrias e o comércio vêm se destacando. Quando analisamos o PIB do município, a agropecuária e todos os setores do agronegócio não somam 8% (IBGE), muitos fatores inclusive climáticos contribuíram para que isso ocorresse. Durante muitos anos, a economia do município foi totalmente voltada para a agricultura e a agropecuária, principalmente no cultivo do café, pela excelente qualidade da terra que favorece muito seu desenvolvimento.

No período de 2010 em que foi realizado o censo pelo IBGE, os serviços lideravam o PIB (Produto interno Bruto) do município, acompanhado logo em seguida pela indústria, que atualmente de 2013 até meados de 2015 recebeu altos investimentos, como por

exemplo, a fusão da empresa Aurora, com a cooperativa Cocari de Mandaguari. Aurora é o terceiro maior grupo agroindustrial do Brasil, com origem na cidade de Chapecó (SC), investindo no abatedouro de frangos e na fábrica de rações da cooperativa. Como afirma Singer (1972), o crescimento da população, que também é um fator fundamental para economia, aumenta o consumo de serviços e atraindo assim maiores atividades econômicas para o local “O crescimento demográfico da cidade torna-se, por sua vez, um mercado cada vez mais importante para bens de serviços de consumo, o que passa a constituir um fator adicional de atração de atividades produtivas (...)” (p.32).

O setor industrial de Mandaguari é o maior gerador de empregos do município, possuindo grandes empresas, conhecidas até mesmo internacionalmente e três parques industriais, fator responsável pela atração desses imigrantes. As três empresas que mais se destacam na economia local são as empresas do Grupo Romagnole, a Cooperativa agropecuária e industrial (Cocari) e a fábrica de colchões Prorelax, conhecidas em todo Paraná, sem contar com mais de 50 empresas de grande e pequeno porte, que movimentam a economia local.

A Romagnole Produtos Elétricos S.A está no mercado desde 1962, sendo considerada hoje uma das maiores empresas de produtos elétricos do Brasil, possui uma linha de produção com transformadores de distribuição industrial, ferragens, postes, eletrotécnicas, e outros componentes de concretos, exportando para vários países da América, da África e Oriente Médio, possuindo unidades industriais em outros estados também, como o Mato Grosso. É a maior empresa de Mandaguari, que emprega em torno de 2.310 pessoas e possui quatro pólos de produção. A empresa buscou sua primeira contratação em Cuiabá (MT), mediada pela Pastoral do Imigrante que é uma instituição ligada à igreja católica e em média já passaram 120 haitianos pela empresa. Essa necessidade de contratação surgiu pela dificuldade em suprir a mão-obra necessária que a empresa estava enfrentando em alguns cargos. Os haitianos atuam nos setores de pintura, montagem de transformadores, ferragens e na fabricação de postes de concreto, sendo concebidos a eles os mesmos benefícios dos brasileiros, levando em consideração que pela primeira vez a empresa abre portas para imigrantes, atualmente emprega 56 haitianos, os resultados por parte do contratante são bons, visando que muitas vezes preencher as vagas que eles ocupam não é tarefa fácil.

No frigorífico, que possui um quadro com 1.700 funcionários, a situação se deu de forma diferente, a empresa relata que quem buscou o serviço foram os haitianos e não a

própria empresa, então com a necessidade de mão-de-obra eles consideram emprego. A primeira contratação foi em 2014 e a mobilidade do trabalho nos faz presente entre as duas empresas, pois essa primeira contratação foi de um funcionário da Romanole, aliás, quase todos contratados vieram de lá. A empresa empregava cerca de 25 haitianos no momento da entrevista, atuando no processo de expedição, produção e evisceração, relatando que as vantagens para essas contratações eram apenas a permanência por mais tempo no serviço, sendo até mesmo mais permanentes que os brasileiros.

Essa característica econômica do município nos revela um dos motivos que ela vem atraindo esses migrantes para o local. As buscas por mão-de-obra por parte dessas empresas acontecem a todo o momento, pois os setores de produção de todas elas apresentam uma grande rotatividade de funcionários por serem atividades que muitas vezes necessitam de um maior esforço físico. Gaudemar (1977) afirma que essa rotatividade de certa forma acaba muitas vezes sendo um benéfico, visando que geralmente a fraca qualificação dos imigrados traz possibilidades de salários mais baixos, horários diferenciados, “Mas a sua forte taxa de mobilidade traz igualmente às capitalistas economias apreciáveis sobre massas salariais: a rápida rotação de trabalhadores imigrados suprime todas as regalias de antiguidade e permite manter uma fraca taxa salarial.” (p.27).

Em entrevista com os haitianos, indagamos o motivo de Mandaguari ter sido a escolha de seu destino, apontam a qualidade de moradia da cidade e trabalho disponível, ou seja, a atração desses migrantes para a cidade se deve ao fator da oferta de empregos, sem contar que todos já tinham um amigo ou um parente morando na mesma. Para eles as cidades grandes não ofertam muitas vantagens, a única que apontam é o valor das mercadorias que em alguns locais são mais acessíveis, porque são muito populosas e a dificuldade pelo emprego e moradia acaba sendo grande.

Segundo Singer (1973) a força de trabalho que esses migrantes oferecem para a cidade e sua busca por mão-de-obra resulta certa expansão de serviços “Entre os fatores de atração, o mais importante é a demanda por força de trabalho, entendida está, não apenas como gerada pelas empresas industriais, mas também a que resulta da expansão dos serviços (...) (p.40)”

Podemos observar claramente essa expansão dos serviços do qual o autor Singer (1973) relata, um dos haitianos que chegou a Mandaguari por volta de 2014, já está no município há um ano e dois meses e desde que chegou trabalha em uma metalúrgica, através do seu trabalho foi possível expandir e prestar serviços para a população nas horas vagas de

forma independente, ampliando sua renda e buscando melhores condições. Analisando esse fato compreendemos que a força de trabalho não está empregada apenas na indústria, mas sim na sociedade como um todo. Ao analisarmos um grupo de haitianos, observamos é claro a mobilidade do trabalho, no qual doam sua força de trabalho para a sociedade, mas também a mobilidade pendular. Sobre a mobilidade pendular podemos defini-la como um processo de deslocamento, seja para trabalho, lazer, compras, enfim as pessoas deslocam-se de uma cidade para outra a fim de realizar algumas atividades. Quando analisamos os locais de trabalho de um grupo com 40 haitianos, detectamos 13 pessoas trabalhando em outra cidade, Maringá, na empresa Frango Canção, essas pessoas deslocam-se todos os dias para trabalhar.

Visando um grupo com uma quantidade média, o número de pessoas que praticam essa mobilidade pendular é grande, visando que apenas seis trabalham em outras empresas da cidade, dois trabalham em uma metalúrgica que é uma pequena empresa, um mecânico e o outro pedreiro, quinze pessoas ainda não estavam empregadas, pois haviam chegado recentemente ao município. Precisamos considerar que essa é uma pequena amostra do número de trabalhadores da cidade, considerando que o número de haitianos no local é bem maior.

As principais barreiras encontradas no município foram o aluguel da moradia que exigiam um fiador e a comunicação, pois a língua oficial do Haiti é o *creolle*, dificultando também as relações de trabalho, que por muitas vezes acarreta a dificuldade de permanecer em um emprego. Como não conseguiam um fiador, um grande número de haitianos morava na mesma casa, pois aquele que conseguia, abrigava os outros até se estabelecerem. A situação da língua portuguesa buscou ser solucionada a princípio pela igreja católica do município, buscando apoio dos integrantes de diversas pastorais, porém, depois de diversas reuniões do grupo com os haitianos, o projeto não foi levado adiante por vários fatores.

A mobilidade do trabalho em Mandaguari se dá através das empresas que necessitam de mão-de-obra e os migrantes se tornam atrativos, visando que muitos brasileiros não querem exercer determinadas funções, gerando uma transferência de mão-de-obra e produtividade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em entrevistas com os imigrantes haitianos percebe-se que a busca por condições de uma vida digna faz com que a tomada de decisão pela saída do Haiti seja feita, deixando para trás seus familiares, muitas vezes na esperança de trazê-los, ou então sustentá-los a distância e com melhores condições, voltar ao país de origem. As barreiras enfrentadas desde o momento da chegada os faz refletir o quão difícil será e então a busca por trabalho, acolhida, estudos, começa a ser intensificada. Em Mandaguari, esses ideais foram perceptíveis aos imigrantes no geral e busca por apoio foi realizada através da igreja e das escolas.

As empresas que sustentam a economia do município foram atrativas para esses novos moradores influenciando a vinda desse novo fluxo, porém as dificuldades encontradas no trabalho foram várias, como por exemplo a barreira do idioma, necessitando de maior assistência durante o trabalho, o que muitas vezes acaba gerando o desemprego. Outras dificuldades foram encontradas, como a moradia, a comunicação com seus familiares e até mesmo oportunidades de novos empregos.

Concluímos que a mobilidade do trabalho pode estar presente até mesmo em pequenas cidades do interior, não ocorrendo necessariamente em ambientes no qual a industrialização toma conta do cenário. Através do processo migratório, podemos construir conceitos sobre essa mobilidade e sua influência na sociedade atual, que vem enfrentando barreiras em busca de melhores condições de vida, movida pelo sistema capitalista e a força exercida sobre eles.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Novo Índice de Desenvolvimento Humano mostra desaceleração geral no crescimento pelo mundo.**

Notícias, 24 de Julho 2014. Disponível em:

<<http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=3911>>.

BRASIL e Haiti fecham acordo para deter imigração ilegal. **Revista Veja**, São Paulo, 2 fev. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/brasil-e-haiti-fecham-acordo-para-deter-imigracao-ilegal>>.

COTINGUIBA, G. C. **Imigração haitiana para o Brasil** – a relação entre trabalho e processos migratórios. 2014. 155f. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais)-Universidade Federal de Rondônia-Unir, Porto Velho, 2014.

FERNANDES, D. et al. Projeto: **Estudo sobre a migração haitiana ao Brasil diálogo bilateral.** PUC. Brasília, 2014.

FONTES, Elizabeth Ana, BIANCHINI, Nair M. **Cinquentenário de Mandaguari**. Gráfica Clichetec. Edição Histórica 1937-1987, Maringá – PR.

FREITAS, Sônia Maria. **O Café e a Imigração** (Coleção Que História é essa?). Saraiva, 2003.

GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Estampa, 1967. P. 405.

HANDERSON, J. **Díaspóra. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. 2015.430f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MILESI, R. **Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH)**. Disponível em: <[http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com\\_content&view=featured&Itemid=435](http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=featured&Itemid=435)>.

PARANÁ. Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos. **Plano Estadual de Políticas públicas para promoção e defesa dos direitos de refugiados, migrantes e apátridas do Paraná 2014-2016**. Paraná, 2014.

PÓVOA-NETO, Helion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual. Novos desafios para a análise. **Revista Experimental**, São Paulo, n. 2, p. 11-24, 1997.

ROSA, Renata M. A construção da desigualdade no Haiti: Experiências históricas e situações atuais. **Universitas: Relações Internacionais**. v. 4, n. 2. Centro Universitário de Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/relacoesinternacionais/article/view/160/297>>.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1973.

*Sites pesquisados*

<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/mandaguari.pdf>>. Acesso 25/04/2014 às 23:25.

<<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-diaspora-haitiana-chega-ao-centro-de-sp>>. Acesso em 28/07/2015 às 22:10.

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=411420&search=7Cmandaguari>> . Acesso em 27/04/2014 às 18:10.

<<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/estrangeiros/refugio/conare>> Acesso em: 09/05/2015 às 09:45.

<<http://www.dedihc.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=92>>. Acesso em: 30/07/2015 às 23:35.

<<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/505828-entrevista-especial-com-rosita-milesi>> Acesso em 13/06/2015 às 14:40.

<<http://www.mandaguari.pr.gov.br/>> Acesso em 18/05/2014 às 14:40.

<<http://portal.mte.gov.br/cni/>> Acesso em 25/04/2015 às 11:05.

<<http://www.romagnole.com.br>> Acesso em 27/04/2014 às 19:33.

<<http://www.vitaves.com.br>> Acesso em 30/04/2014 às 19:10.